

# O RETORNO A ECOLOGIA DOS AFETOS: O QUE PODE A ARTE NA CIDADE

Jurema Castro Couto Caldas<sup>1</sup>

Liliane Vasconcellos<sup>2</sup>

## RESUMO

A cidade contemporânea é marcada por avanços do capitalismo. Esse sistema traz consequências que estão para além das relações pessoais, atingindo o equilíbrio ecológico, onde toda a vida na urbe foi fragmentada. Dessa forma, a urbe possui várias identidades, mas sem se identificar com nenhuma, em virtude da falta de conexão com a natureza, na qual todo ecossistema é afetado. Nesse sentido, as percepções dos afetos e da própria ecologia também é remodelado na cidade que sofre os desdobramentos do capitalismo selvagem. Assim, nessa linha de atravessamento, podemos dizer que a arte ocupa papel importante por seu caráter transformador e transgressor, possuindo também um espaço potente para expressar os sentimentos advindos do sujeito inserido nesse contexto, a arte aqui pode ser vista enquanto um caminho de retorno à natureza. Nesse sentido o presente artigo analisa como a arte na cidade em especial as performances podem auxiliar no retorno à natureza. A pesquisa é feita sob análise da manifestação artística da performance, e analisada a partir da perspectiva de George Didi Huberman. Nelson Brissac Peixoto. Nesse cenário, a arte, a cidade e as emoções encadeiam ou desencadeiam intuições, sentimentos e sensações, funcionando como um grande ecossistema de percepção e afetos.

**Palavras-chave:** Arte. Percepções. Ecologia. Afeto. Cidade.

## 1. INTRODUÇÃO

Salvador tem a marca registrada das cores e alegrias. No calor humano a cidade traduz esse acolhimento com o brilho do sol, o celeste azul do céu, e o encantamento do mar, em perfeito equilíbrio. A natureza é um processo harmônico, entretanto, quando em desequilíbrio a ecologia vivencia oscilações conceituais enquanto transita por encontros cambiantes com a vida, num mar de crenças.

Exemplificando o que seria essa ecologia aqui discutida (Moroni et al,2011) expõe que:

---

<sup>1</sup> Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social - UCSAL. Membro do grupo de pesquisa Temporalidades Urbanas/UCSAL. E-mail: email:juremadejequirica@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Literatura e Cultura. Líder do grupo de pesquisa Temporalidades Urbanas/UCSAL. E-mail.: liliane.vasconcelos@pro.ucs.br

A abordagem ecológica oferece um relato positivo, considerando que seres conscientes são organismos holísticos, incorporados e situados nos seus ambientes e possuidores de toda capacidade necessária para tal. Nestas condições, organismos pensantes estão preparados para fazer o que é necessário para estarem conscientes. Tais organismos não são sistemas computacionais, máquinas evolucionárias, receptáculos para espíritos nem vítimas de efeitos colaterais epifenômenos; (MORONI,GONZALEZ,MORAES,2011,p.354)

A estes efeitos, fatores intrínsecos e extrínsecos muito contribuíram para a formação atual do planeta, dos sistemas e da própria ecologia. A matriz europeia influenciou e modificou a constituição do Brasil, bem como sua relação com os nativos e principalmente com a natureza e toda sorte de extrativismo. Através deles muito interferiu e em certa medida alterou a relação de importância do indivíduo e a natureza que são indissociáveis ou deveriam ser.

Um outro fator decisivo enquanto marco temporal, é a modernidade e seus efeitos devastadores igualmente para a natureza e conseqüentemente para os indivíduos, onde tanto o homem como o meio ambiente são terreno férteis, ainda que suscetível a contratempo e intempéries.

Observando a urbe, a cidade a ser analisada é Salvador, onde todo mundo é d' Oxum. O mar onde habita Iemanjá é o construtor de identidade da praia da Paciência no bairro do Rio Vermelho, sendo também elemento da natureza sempre presente e constante que margeia a cidade em sua poética e ecossistema marinho. É uma obra de arte a céu aberto com nuances em cores, que variam com a irradiação solar, e as variações do tempo.

Em dias ensolarados a superfície do mar se agita, e em dias de tempestade ninguém ousa entrar, nem o mais experiente dos pescadores. O tempo é fator essencial para a confecção desta laboração, onde se observa o tempo em dois andamentos: o primeiro está relacionado a duração da obra no espaço do rio vermelho; o segundo andamento se daria através das memórias contadas e lembradas através de causos, histórias e registros fotográficos, e jornalísticos.

A atmosfera do dia 2 de fevereiro, onde se celebra culturalmente o dia de Iemanjá, possui uma mística dentro do espaço a beira mar do Rio Vermelho, que não se condensa nas 24 horas do dia, pois se altera em diversas temporalidades enquanto caminho viável para os processos criativos, como o ocorrido na Performance de Iemanjá e outras manifestações artísticas que socializam o território.

Figura 1 e 2: Performance de lemanjá



Fonte: Fotógrafa Nana Gadelha, 2019

Com o atemporal do tempo, percebe-se a multiplicidade dos instantes dentro deste tempo cronológico de um dia 2 de fevereiro. O tempo e as temporalidades advindas desta relação simultânea, tem no mar e na tradicional festa de lemanjá uma ligação fecunda para o desabrochar dos sentidos e percepções do tempo no mundo.

Para Spinoza, conhecer é se aproximar de Deus. A realidade é constituída por camadas de esferas de experiências possíveis. O ente humano só pode conhecer a si e à Natureza a partir de três formas distintas de conhecimento, que se constituem como formas diferenciadas de apreender a realidade. As esferas de experiências a conquistar são: primeiro gênero do conhecimento (opinião ou imaginação); segundo gênero do conhecimento (razão); terceiro gênero do conhecimento (ciência intuitiva).  
Fonte: Kínesis, Vol. XII, nº 33, dezembro 2020, p.198-212

Através da ideia de Spinoza podemos indagar que como a realidade advém das experiências, a performance nos possibilita, a partir da visão que passamos a ter através dela, novas percepções sobre determinada pauta.

A performance é um campo bastante instigante e enriquecedor, sua análise e produção conta com diferentes abordagens e reflexões. Este papel normalmente atribuído às artes é apropriado pelo fenômeno artístico da performance, viabilizando a construção de imagens, sentimentos e sensações de “conflitos individuais e

consonâncias coletivas”<sup>3</sup>. Assim, a instauração da performance ocorre através da presença física, num ecossistema onde o corpo é o sujeito e objeto da própria arte, viabilizado pela captação do olhar entre performance e audiência.

A compreensão deste processo, levando em conta a relação simultânea de atração entre “o que vemos e o que nos olha” é muito tênue, pois sugere os caminhos de “uma antropologia da forma, uma metapsicologia da imagem” originada no desafio representado pelas formas mais fechadas de um abstracionismo desprovido de traços humanos.

Segundo DIDI HUBERMAN (2010,p.19) “eis onde instaura-se a apreciação estética da obra de arte, numa verdade inacabada, sempre cheia de um devir que ultrapassa o visível, o material”. No florescer dos afetos, tendo como horizonte tais questões, esta pesquisa pretende contribuir com os estudos que se dispõem a analisar, propiciando o deslocamento de novos olhares que contemplam expressões e saberes imateriais (sentimentos e sensações) e o invisível.

E assim sendo, trago a minha contribuição ao que significa este segundo invisível entre o que é ver e ser visto. Certamente já dizia o poeta que os olhos são as janelas da alma. Estas servem de entrada no sentido de expandir a percepção de outras emoções e vivências generalizadas, nos quais se instaura o segundo invisível, às vezes ao ouvir uma música, ver ou lembrar uma cena, tela ou imagem, um cheiro, o vento que não passa e sentimos um arrepio, eis o segundo invisível, quando sentimos de forma difusa por todos os interstícios a percorrer como uma corrente elétrica em e por todo corpo, não apenas pelo olhar, ainda que é bem possível ter iniciado por lá, mas não necessariamente, pois dispomos de outros sentidos que pouco nos permitimos a explorá-los no sentido de permitir-se a sentir e perceber através deles.

Para Didi-Huberman, (2014) dentro da sua fábula filosófica, apenas a experiência visual aurática conseguiria ultrapassar o dilema da crença e da tautologia (p.169). O autor observou diferentes ações em relação ao homem de crença e ao homem da tautologia, num ecossistema que funciona.

---

<sup>3</sup> Termo utilizado pelo Prof. Ricardo Biriba em sua pedagogia da Performance em aulas teóricas e práticas ministradas na Escola de Belas Artes da UFBA.

O primeiro, traz em si a crença de querer sempre ver algo mais do que se vê, ir além em oposição, por assim dizer em relação ao segundo que se propõe a ver nada mais ou além do que esteja à sua frente.

Resumo assim esse segundo invisível, entre o que vemos e o que nos olha, quando em sincronia resgata-se o âmago em seu íntimo das coisas e pessoas. É quando ver ultrapassa o olhar, quando este transcende, sendo possível sentir e perceber a vibração e frequência das coisas, a aura dos objetos, das pessoas sua alma e do universo a essência de Deus, onde a Performance de lemanjá foi um divisor de águas para este entendimento e experiência do vivido e dos afetos enquanto mecanismo da prática como pesquisa, para além das palavras.

Em vista disto, a Performance de lemanjá não é uma imagem concreta, e sim um fragmento do imaginário. A imagem que se possui, que reflete deste objeto, não o representa, não é o objeto, é apenas um espectro do que se faz visível aos olhos, sobre este objeto, no caso a lemanjá, uma vez que esta imagem é carregada de simbologias e as experimentações individuais e/ou coletivas que reverberam no inconsciente, ocorridas em relação a imagem que se reconhece de lemanjá.

Necessário se faz neste contexto, observar a natureza das relações socioculturais. A cultura, a tradição e onde esta apresentação irá atuar, se faz presente como símbolo, imagem, alegoria ou metáfora. A representação simbólica do imaginário na Performance de lemanjá contém por sua própria concepção, uma multiplicidade de informações, onde o símbolo e o imaginário de lemanjá não subtraem seu sentido, e sim o amplia.

Não se trata de substituição e sim possibilidades de representação, em outras palavras o abebê de lemanjá representa o próprio Orixá, ao passo que está simbolicamente e imaginariamente encontra-se refletida no espelho. Na composição performática de lemanjá, o corpo ocupa lugar de destaque, agindo e interagindo como sujeito e sendo o objeto da própria arte.

A partir desta construção, a artista habilita o imaginário deste corpo e suas elucubrações culturais em enfrentamentos com o espectador. A utilização do corpo, enquanto mecanismo de expressão artística, traz consigo muitas vezes registros inconscientes e arquetípicos, em função das mais distintas utilizações do corpo na cultura, gerando um objeto, um outro corpo, um corpo híbrido, na fusão do corpo enquanto expressão artística, ou seja sujeito e objeto, arte e obra, artista e composição.

A partir deste hibridismo, o encantamento em representar performaticamente lemanjá pertence ao contexto do invisível, ou seja, representar o que não pode ser representado, dizer o que não pode ser dito por palavras. Talvez “a arte nos aponte uma resposta mesmo que ela não saiba, pois é preciso simplicidade para fazê-la florescer” disse Oswaldo Montenegro em sua canção Metade. Assim, através da performance o conjunto de vivências e sensações pode narrar ou escrever o que está nas entrelinhas.

Os relatos descritos pelos que foram sensibilizados pela performance conferem veracidade a estes pensamentos entre sentimentos e afetos:

Figura 3 e 4: Performance de lemanjá



Fonte: Fotógrafa Nana Gadelha, 2019

#### RELATO 1:

“A corpografia se traduz num modo diferenciado de “sentir a cidade por meio de intervenções e performances estéticas e artísticas que provocam, rechaçam, questionam a espetacularização das metrópoles contemporâneas”. É também possível incorporar a obra no corpo e do corpo na obra por meio, por exemplo, através da performance, como fez a artista Jurema de Jequiçá. Todos nós queríamos estar perto dela, sentir e perceber essa lemanjá, saída do mar. E registrar aquele momento para eternizá-lo. Ela existe... Como seria uma cidade com mais corporeidades lemanjás? Menos racista, menos sexista, menos cisheteropatriarcal, mais respeitosa, dinâmica, alegre, criativa?”

#### RELATO 2:

“Ao andarmos para observar as diversas formas de expressão plural em um domingo de 2 de fevereiro, encontramos a rainha das águas personificada. Sim, caro leitor, foi isso que realmente leu e pensou: na nossa caminhada, encontramos com a divindade de cabelos azuis, coroa prateada e vestido branco. A sensação é de que ao lado dela o ambiente tornava-se leve e calmo ao mesmo tempo em que convivemos com o barulho e os ritmos frenéticos da festa, seja dos transeuntes, seja dos trabalhadores.”

#### RELATO 3:

“A performance de Iemanjá foi fantástica. Em plena festa da rainha do mar. Onde o sagrado se manifesta através da diversidade. Estava presente a minha primeira representação de Odoyá, a minha idealização do que li do saudoso Jorge e uma nova referência da senhora das águas. Quase uma idealização do que li do saudoso Jorge e uma nova referência da senhora das águas. Quase um Cosplay de uma heroína pop. Conhecida mundialmente entre os geeks e nerds. Uma personagem com superpoderes da Marvel. Foi uma experiência emocionante e essa é minha relação leiga com a arte: emocionar-me.”

#### RELATO 4

“Eu gostaria de ter sido o primeiro a saudar Iemanjá, mas não deu. Quando cheguei no bairro do Rio Vermelho, o epicentro da festa de Iemanjá, o vai e vem das pessoas pronunciava a multidão. Até chegar na areia e jogar uma flor ao mar, e pedir a benção e a sua proteção foi uma verdadeira procissão. Finalmente, na praia vislumbro, num misto de encantamento e curiosidade a personificação de Yemanjá. Penso ser uma imagem criada pela minha mente devido ao sol inclemente, e a falta de água no organismo. Mas, logo dispersando meus devaneios, observo várias pessoas querendo e fotografando, ou melhor, “tirando self” numa espécie de transe e frenesi, saudando e reverenciando a entidade mítica da religião afro-brasileira. Atabaques, rodas de samba, mães e pais de santos, banho de pipoca, vendedores de rosas, oferendas, de tudo um pouco. E ela lá na areia, serena em longo vestido branco, cabelos azuis que se misturava com a cor do céu e do mar, coroa prateada na cabeça, cheia de adereços prateados, com ar sereno, solícita, emudecida e, pacientemente se deixava fotografar pelas pessoas num misto de fascínio e originalidade. Sem distinção de sexo, raça,

classe social, simplesmente acolhendo maternalmente, numa atmosfera transcendental todos que a ela se aproximaram para registrar, eternizar aquela, visão, a beira mar, a Iemanjá, na sala de visitas da sua casa. As pessoas, educadamente, esperavam a vez para a pose e foto, e assim ter registrado, não só em sua memória, mas digitalmente na memória dos seus celulares aquele momento único do dia 2 de fevereiro. “

#### RELATO 5:

“Participar deste trabalho de pesquisa foi divertido e muito acrescentou ao meu trabalho como educadora musical. Observar como as pessoas reagem a outro ser humano caracterizado de Yemanjá foi deveras curioso! A religiosidade é tão forte no soteropolitano, que a viram como a própria entidade. Outros apropriaram-se da performer para também complementar a cena artística da Iemanjá que tudo observa tranquilamente e de forma acolhedora. Encontramos devotos que se tornavam artistas naturais, pois, revestidos em sua fé, traziam verdadeiras obras de arte para homenagear a rainha do mar. A arte, em suas diversas formas, se vincula ao cotidiano soteropolitano.”

Com essa percepção do tempo, percebe-se a contemporaneidade, onde a desmedida e a modernidade digital excessiva dão um novo rumo a vida urbana, visto que as relações e o olhar da apreciação da obra de arte num misto de ambiguidade se perdem, mas também pode encontrar-se nesta vazão. Peixoto evidencia que:

As transformações mais radicais na nossa percepção estão ligadas ao aumento da velocidade da vida contemporânea, ao aceleração dos deslocamentos cotidianos, à rapidez com que nosso olhar desfila sobre as coisas. Uma dimensão está hoje no centro de todos os debates teóricos, de todas as formas de criação artística: o tempo. O olhar contemporâneo não tem mais tempo. (PEIXOTO, 2004, p.209).

Na contemporaneidade o tempo perdeu sua essência cronológica diária de horários biológicos, os dias e noites se misturam, varam-se madrugadas com habitualidade, trocam-se dias pelas noites e, por sorte o espaço ganha uma dimensão mais que infinita, ultrapassando todas as barreiras do instantâneo, imediato em tempo



real, onde o homem está distante de si e de sua essência, fundiu-se com a subjugação da modernidade.

A problematização da existência no sentido de construir caminhos de liberdade, uma vez que a lógica não é do sujeito, mas do sentido. Quem se move não pode separar o movimento dele mesmo, recíproco imediato à expressão. Sair do território da servidão é entender as causas dos encontros e neles exercitar caminhos de liberdade. A Ética não é um tratado moral, mas uma máquina de guerra contra a tirania. (SANTOS.; RIBEIRO 2020,p.201)

Neste novo padrão que recebe uma grande influência das questões midiáticas, a velocidade das informações e imagens necessitam de um tempo mais dilatado para serem apenas vistas, ainda que superficialmente. O escritor José de Alencar trouxe em sua crônica Máquina de cozer (1854,p.36) o que hoje acontece com a contemporaneidade em relação aos efeitos midiáticos. Guardando as devidas proporções: “Dizem que o espírito da indústria tem despoetizado todas as artes, e que as máquinas vão reduzindo o mais belo trabalho a um movimento monótono e regular que destrói todas as emoções, e transforma o homem num autômato escravo de outro autômato”.

Trazendo este trecho da crônica, que embora escrito há muito tempo narra um conteúdo atual, percebemos a indústria tecnológica e sua utilização descompassada como consequência para despoetizar as artes, destruindo todas as emoções e transformando “o homem num autômato escravo de outro autômato”, o ser humano perde ou reduz sensivelmente sua afabilidade e doçura, e com isso a percepção do sensível que exprime as obras de arte do território a beira mar do Rio Vermelho pode passar despercebido por alguns e não comunica-se.

Ressaltando que através das artes se tem uma visão na contramão do que seria um comportamento mecânico, é provável ter um universo mais orgânico, mais afetivo, menos superficial e individualista. Neste sentido, (PEIXOTO,2004, p.212) faz quase que um apelo: “nos restitua depois desses processos midiáticos desagregadores, um pouco de real e de mundo”

Acredita-se que o processo de restituição possa acontecer por simples reflexões e percepções. Supõe-se que a primeira delas está relacionada ao ato de colocar-se no lugar do outro e ter uma compreensão cósmica e ecológica que somos também a própria natureza, onde temos a maioria dos elementos químicos da tabela periódica que se encontram no meio ambiente.

Somos seres em constante trocas energéticas e de ciclo cíclicos, o que também ocorre com a natureza em diversos fenômenos: entre o ciclo da água, a fotossíntese e a metamorfose.

Os hábitos e simples costumes, como pedir a benção aos pais e avós, um beijo na testa, o cheiro de bolo que perfuma a casa, a contemplação da natureza, o pôr do sol, o nascer da lua, o canto dos pássaros, as cantigas e brincadeiras de roda e as canções de ninar são exemplos de simples hábitos que se perderam na imensidão da cidade contemporânea, onde as relações tendem a ser superficiais e não se estabelece vínculos e memórias, perdendo-se do mundo, do real e de si mesmo que já foi instalado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mediante a todo exposta a performance de Iemanjá foi um momento ímpar, num misto de afetos e afetividades imerso no fluir de um fluxo orgânico e ecológico junto aos elementos marinhos como a areia da praia, a água do mar e a brisa leve das paixões que vem de dentro e uma receptividade que origina novas percepção.

Nesta esteira de pensamento, a ecologia tem o papel de auxiliar o ser humano a se reconhecer como parte integrante e não adjacente ou secundária da natureza, considerando a importância desta ao funcionamento da própria existência. É também na natureza onde encontramos lições que naturalmente se desenrolam como: cuidado com os filhotes, interação com seus semelhantes, valorização e preservação do ambiente, em certa medida respeito à diversidade.

E que em um futuro não muito distante nós possamos tirar a venda e compreender que sim existe um universo paralelo invisível aos olhos mas visível através do homem enquanto conhece te a ti mesmo, e a sua essência onde a natureza e eu somos um só extensão Que o amor cósmico universal e a ecologia dos afetos um dia venham a se estabelecer com naturalidade sobre a terra, este belo planeta azul viabilizando o desabrochar o melhor do humano em nós

## **REFERÊNCIAS**

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos e o que nos olha**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004

Disponível em :< SANTOS, Valdeci Ribeiro dos e RIBEIRO, Wallace Cabral. **SPINOZA, UMA FILOSOFIA DA IMANÊNCIA DOS AFETOS**, Kínesis, Vol. XII, nº 33, dezembro 2020, p.198-212> Acesso em 22 de junho de 2021

Disponível em: <GODOY, Ana . **Uma estranha ecologia: composição de forças e de afetos**. ; ponto-e-vírgula, 2: 81-96, 2007. > Acesso em 21 de julho de 2021

LARGE, David. WHAT IS ECOLOGICAL PHILOSOPHY? Tradução: **O QUE É FILOSOFIA ECOLÓGICA?** MORONI, Juliana, GONZALEZ, Maria Eunice Quilici e MORAES, João Antônio de. Kínesis, Vol. III, nº 05, Julho-2011, p. 349-355